

DESCOBRINDO OS CLÁSSICOS

**MEMÓRIAS DE  
UM JOVEM PADRE**  
**ÁLVARO CARDOSO GOMES**

**ea**  
editora ática

*Memórias de um jovem padre*  
© Álvaro Cardoso Gomes, 2002

Editora-chefe	Claudia Morales
Editor	Fabrizio Waltrick
Editores assistentes	Roberto Homem de Mello Emílio Satoshi Hamaya
Preparadora	Maria Luiza Xavier Souto
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisora	Cátia de Almeida
Seção "Outros olhares"	Nilson Joaquim da Silva
Colaboração	Fabiane Zorn

ARTE	
Diagramadora	Thatiana Kalaes
Editoração eletrônica	Estúdio O.L.M. Eduardo Rodrigues
Pesquisa iconográfica	Angelita Cardoso
Ilustrações	Robson Araújo
Ilustração de Eça de Queirós	Samuel Casal
Edição eletrônica de imagens	Cesar Wolf

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

G612a  
2.ed.

Gomes, Álvaro Cardoso, 1944-  
Memórias de um jovem padre / Álvaro Cardoso Gomes; ilustrações  
Robson Araújo. - 2.ed. - São Paulo : Ática, 2009.  
136p. : il. - (Descobrimdo os Clássicos)

Contém suplemento de leitura  
Inclui apêndice  
ISBN 978-85-08-12029-1

1. Literatura infantojuvenil. I. Araújo, Robson Alves de. II. Título.  
III. Série.

09-0119

CDD: 028,5  
CDU: 087.5

---

ISBN 978 85 08 12029-1 (aluno)  
ISBN 978 85 08 12030-7 (professor)  
Código da obra CL 736569

2010  
2ª edição  
3ª impressão  
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2005  
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP  
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br  
www.atica.com.br – www.atica.com.br/educacional

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



## UM DILEMA ATRÁS DO OUTRO

A família de José o enviou ao seminário. A princípio, o rapaz não resistiu, mas pouco a pouco ele começa a ficar atormentado por perguntas que não consegue responder a si mesmo. Será que ele quer mesmo ser padre? Será que tem vocação? É bem no auge dessas dúvidas que ele se depara com o livro *O crime do padre Amaro*, de Eça de Queirós.

José fica muito impressionado com esse clássico da literatura portuguesa, que toca no que mais o incomodava. Para ele, vestir a batina sem convicção já seria uma grande mentira. Imagine só usá-la para esconder pecados, como faz a personagem de Eça.

Além de levar o jovem a refletir sobre suas inclinações, o livro desperta nele o entusiasmo pela literatura. Tanto que pede autorização no seminário para cursar a faculdade de Letras. Lá, José ganha mais motivo para suas dúvidas: Maria Cláudia.

A encantadora colega põe à prova sua capacidade de resistir à tentação. E faz José se lembrar do padre Amaro, que, apesar do voto de castidade, deseja ardentemente a jovem Amélia no livro de Eça.

Como se tudo isso não bastasse, Daniel, seu melhor amigo no seminário, o convida para um trabalho voluntário independente da Igreja numa comunidade miserável.

E agora, José? Qual rumo tomar?

A cada momento de suas difíceis escolhas, José tem como companheiro o livro de Eça de Queirós. Isso faz de *Memórias de um jovem padre*, antes de tudo, uma história de amor, que conta o encontro feliz entre um jovem e a literatura.

*Os editores*

---

Os trechos de *O crime do padre Amaro* que constam em *Memórias de um jovem padre* foram retirados da edição publicada pela Editora Ática na série Bom Livro (16ª ed., 2010).

## SUMÁRIO

<b>1</b>	Um dia marcante em minha vida .....	9
<b>2</b>	A vida no seminário .....	12
<b>3</b>	Discussões .....	15
<b>4</b>	Um livro inspirador .....	19
<b>5</b>	Um drama de consciência .....	23
<b>6</b>	A magia de Eça de Queirós .....	26
<b>7</b>	Um bate-papo interessante .....	30
<b>8</b>	Revendo a família .....	34
<b>9</b>	O primeiro colóquio .....	37
<b>10</b>	A função social da Igreja .....	45
<b>11</b>	Entrando de cabeça no romance .....	47
<b>12</b>	Tristeza e frustração .....	50
<b>13</b>	O projeto de Daniel .....	53
<b>14</b>	Visitando o padre Cerqueira .....	56
<b>15</b>	Cursando a faculdade .....	62
<b>16</b>	Maria Cláudia .....	67

<b>17</b>	Discussões acaloradas .....	71
<b>18</b>	Nova visita à família .....	74
<b>19</b>	Os encontros de sábado .....	78
<b>20</b>	Páginas perturbadoras .....	84
<b>21</b>	O seminário .....	89
<b>22</b>	Ainda o seminário... ..	93
<b>23</b>	Minha participação .....	98
<b>24</b>	Gandaia .....	100
<b>25</b>	O retorno de Daniel.....	105
<b>26</b>	Despedindo-me de Maria Cláudia.....	109
<b>27</b>	Uma conversa com o tio Domingos.....	112
<b>28</b>	Entre a cruz e a caldeirinha .....	115
<b>29</b>	Voltando a falar com o tio Domingos.....	118
<b>30</b>	A grande decisão.....	122
	<b>Outros olhares sobre <i>O crime do</i></b>	
	<b><i>padre Amaro</i></b> .....	127









• 1 •

.....  
Um dia marcante em minha vida  
.....

25 abril de 1974 é uma data que me ficou para sempre marcada na memória, porque foi o dia em que meus pais decidiram me enviar para o seminário.

A gente vivia perto de Antonópolis, um pequeno município do norte do Paraná. Meus pais eram donos de um sítio que dava precariamente para o sustento deles e de mais cinco filhos. Embora a gente vivesse com decência, para que a família não passasse necessidades e tivesse um futuro melhor, acabaram enviando os mais velhos — o João Antônio, a Maria Augusta e eu — para o seminário, onde acreditavam que pelo menos teríamos estudo, casa e comida de graça.

Meus pais tiveram essa ideia, depois de ouvir o tio Domingos, meu padrinho e irmão de mamãe. Ele retornara recentemente da Itália, porque tinha sido nomeado bispo em Londrina. Esse tio era uma figura: muito gordo, alegre, gostava de comer, beber e vestir-se bem.

Logo que retornou ao Brasil, veio nos visitar e, impressionado com nossas precárias condições de vida, aconselhou papai e mamãe a nos enviar para o seminário.

— Fiquem tranquilos — disse com autoridade e com um forte sotaque italiano — que mexo meus pauzinhos, e eles serão imediatamente aceitos.

Papai objetou que precisava da gente para ajudar na roça. Ele fez um gesto de impaciência com a mão, em que brilhava um imponente anel de ouro com uma pedra vermelha, e disse, dando uma boa risada:

— Qual roça! Qual roça! Além de o seminário dar de comer e de vestir a eles, ainda vai aliviar vocês de três bocas.

Então, ficou tudo combinado e, um dia, o João Antônio, que tinha quinze anos, a Maria Augusta, catorze, e eu, doze, cada um com uma trouxinha debaixo do braço, abraçamos mamãe, que não parava de chorar, e deixamos a casa que nos era tão querida. O mano foi para o seminário dos salesianos em Tremedal do Céu; a mana, para o das salesianas em Rondonópolis; e eu, o coração cheio de dor, para o dos claretianos em Goioerê, sob a bênção e os auspícios do tio Domingos.

O que resultou disso: para surpresa de todos, o João Antônio, um pouco antes de se ordenar, saiu do seminário, casou-se e foi trabalhar para o sogro, que possuía um pequeno armazém em Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul. A Maria Augusta, sem dúvida, a mais bem vocacionada de todos nós, ordenou-se e, muito corajosamente, foi para a Nigéria, dedicar-se à catequese e à assistência daquela pobre gente. Nem preciso dizer que mamãe voltou a chorar, dizendo de modo dramático que “se Jesus Cristo ganhava uma esposa, ela perdia uma filha”.

Eu continuei com meus estudos para me tornar padre, embora a dúvida sobre a falta de vocação para o sacerdócio jamais me abandonasse. Afinal, aos doze anos de idade, sem ao menos ser consultado, havia sido enviado para o seminário.

Não que eu ficasse revoltado com aquilo. No fundo, compreendia a decisão de meus pais. Se não tivessem tomado essa decisão, com certeza, não teriam como nos criar com decência. Pelo menos, com a nossa ida para o seminário, meus pais, trabalhando de sol a sol, puderam dar uma vida mais digna ao Luizinho e à Therezinha.

Mas havia outra coisa que me angustiava à medida que ia crescendo. Essa coisa estava diretamente ligada ao problema da vocação. Tornar-se padre, mais que as outras escolhas na vida, era uma coisa muito séria, porque implicava um grande compromisso com Deus e uma enorme responsabilidade com as pessoas a quem deveria dar orientação espiritual. Desse modo, se continuasse no seminário somente para ajudar minha família a ter uma vida melhor, e não por vocação, terminaria por me tornar um mau padre.



• 2 •

---

## A vida no seminário

---

Meus primeiros dias no seminário foram de muito sofrimento. Embora os padres me respeitassem e não me maltratassem, não tinha ali o carinho de mamãe, a companhia de meus irmãos. Mas o que mais me doeu foi a sensação de perda de liberdade.

No sítio, a vida era dura: levantava de madrugada e, depois de tomar uma xícara de café com leite e comer um pedaço de pão, caminhava sete ou oito quilômetros até a escola, fizesse chuva ou fizesse sol. Lembro-me do quanto era difícil no inverno deixar a cama e andar no meio de uma espessa neblina, tiritando de frio e tentando inutilmente me aquecer soprando as mãos.

À tarde, regressando da aula, almoçava correndo e ia, junto com meus irmãos, ajudar papai na roça. Apesar de pequeno e magrinho, ganhara a minha enxada e a tarefa de carpir e cavar as covas, onde semeávamos feijão ou milho.

Mas, por ser ainda bem pequeno, trabalhava menos que meus irmãos. Lá pelas três da tarde, papai me liberava do trabalho, dizendo:

— Vá direto para casa ajudar sua mãe.

Era o meu momento de libertação, a melhor hora do dia. Caminhava vagorosamente, cortando o pasto, e entrava num bosquezinho, onde corria um ribeirão. No verão, quando fa-

zia muito calor, costumava nadar em suas águas calmas e frias ou ficava um largo tempo observando os peixinhos que se escondiam entre a vegetação das margens.

Chegando em casa, ajudava mamãe em alguma tarefa mais leve — escolher feijão, dar milho aos patos e galinhas, colher um pé de alface ou tomates na horta —, e ela logo me dispensava passando a mão em minha cabeça:

— Vai brincar, querido.

No quintal, eu fazia boizinhos de sabugo de milho e papitos de fósforos e os prendia dentro de cercados ou os punha para andar como se fizessem parte de uma verdadeira boiada. Também fazia bonecos de barro, que deixava secar ao sol, e, quando ventava bastante, soltava pipa.

Enfim, fora a escola e minhas poucas obrigações, era um garoto livre, queimado de sol, que passava a maior parte do tempo correndo descalço e sem camisa pelo campo, respirando o ar puro e fresco.

E, de repente, sem mais nem menos, era encerrado entre as quatro paredes do austero prédio do seminário em Goioerê, onde ficava grande parte do dia estudando ou em orações. E o pior de tudo: era difícil me acostumar a andar sempre calçado e não poder mais brincar com meus bois de sabugo ou com meus bonecos de barro. A única diversão ali eram as partidas de futebol ou as excursões que fazíamos, caçando besouros e borboletas, tendo à frente o padre Ferretti, nosso professor de Biologia.

E não havia um dia em que não sentisse uma imensa saudade de casa, de mamãe, de meus irmãos, do ribeirão, de tudo enfim. A tristeza era tão grande que, nos primeiros dias, chorava tanto no dormitório a ponto de empapar o travesseiro. Mas desconfio que não era o único que chorava com saudade de casa. De vez em quando, ouvia, na cama ao lado, um suspiro ou um soluço abafado.

Éramos ao todo dez garotos, a maioria pobre como eu. Um ou outro era de família mais remediada. Um deles, o Martinelli, nos causava muita inveja pelas coisas que recebia de